



NATALIDADE E EDUCAÇÃO ESCOLAR: REFLEXÕES ARENDTIANAS*

NATALITY AND SCHOOL EDUCATION: REFLECTIONS ARENDTIANAS

Jenerton Arlan Schütz¹
Cláudia Fuchs²

Resumo: O presente trabalho, de cunho bibliográfico, examina as articulações entre o conceito de natalidade e de educação no pensamento de Hannah Arendt. Objetiva-se, portanto, caracterizar a concepção de natalidade, isto é, o fato de que novos seres nascem no mundo e são capazes de iniciar algo totalmente novo e as reflexões acerca dos modos de educar as novas gerações. Para tanto, primeiramente, o estudo analisa a concepção de natalidade e, por conseguinte, tematiza a noção de educação no pensamento arendtiano. Ademais, indagamo-nos se de fato tratamos e consideramos os recém-chegados como potenciais renovadores, capazes de fazer o novo, ou como uma geração sem perspectivas e, em que medida a noção de natalidade pode acrescentar dimensões novas à abordagem da autora sobre educação.

Palavras-chave: Natalidade. Educação. Hannah Arendt.

Abstract: The present work, of bibliographical character, examines the articulations between the concept of natality and education in the thought of Hannah Arendt. It is therefore intended to characterize the conception of natality, that is, the fact that new beings are born in the world and are capable of initiating something totally new and reflections on the ways of educating the new generations. To do so, first, the study analyzes the conception of natality and, therefore, thematizes the notion of education in Arendtian thought. In addition, we ask ourselves if we actually treat and consider newcomers as potential renovators, capable of doing the new, or as a generation without prospects and, to what extent the notion of birth may add new dimensions to the author's approach to education.

Keywords: Natality. Education. Hannah Arendt.

* O artigo foi aprovado para publicação com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

¹ Doutorando em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Especialista em Metodologia de Ensino de História (UNIASSELVI). Licenciado em História e Sociologia (UNIASSELVI). Bolsista CAPES. Contato: jenerton.xitz@hotmail.com

² Pós-graduanda em Gestão Escolar (UNIASSELVI), Graduada em Pedagogia (Centro Universitário FAI), Professora na Rede Municipal do município de Ijuí/RS. Contato: claudia_fr17@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Hannah Arendt³ destaca-se dentre os principais pensadores do século XX. A partir da análise teórica do seu pensamento, buscamos compreender como uma teórica política com interesses na condição humana do pensar, é levada a escrever sobre a educação de forma tãoarrojada.

A triste experiência que Hannah Arendt teve com os regimes totalitários, que procuravam suprir a liberdade e as identidades das pessoas, não fez com que ela desistisse de pensar e procurar novos caminhos para um mundo que consiga garantir fundamentalmente a manifestação da liberdade humana.

Assim, procura-se mostrar que no momento em que o agir está aliado ao comprometimento de algumas pessoas para com as outras é garantidor da liberdade, a qual nos traz a possibilidade e a capacidade de começar, fazendo com que nenhuma criação humana seja para sempre, inclusive as mais adversas.

Com isso, faz-se necessário apresentar o sentido da natalidade em Hannah Arendt, pois é agindo que o ser humano pode acarretar o novo e, além disso, o inesperado, a cada nova geração surgem não só mais possibilidades de transformações, mas também de mudanças. O ensaio *A Crise na Educação* [1961] é tomado como referência quando se pretende analisar o dizer de Hannah Arendt acerca do tema educação, e o que há de mais significado nas reflexões acerca da educação é a discussão sobre a razão de ser da educação, ou seja, a natalidade.

A NATALIDADE E O PODER DE COMEÇAR

No início de seu ensaio, Arendt (2013, p. 223) anuncia que, “A essência da educação é a natalidade, [...] o fato de que novos seres nascem para o mundo”. Assim, o mundo recebe constantemente novos seres, que ao nascer, aparecem

³ Hannah Arendt nasceu em 1906, em Hannover, na Alemanha, de uma família judia, experienciou os horrores do totalitarismo nazista e stalinista, o qual serviu de pano de fundo para suas reflexões, por meio das quais intitulou-se teórica política, foi muito influente para o pensamento político do século XX contribuindo até os dias atuais.



neste mundo como novidade. Todavia, estes recém-chegados necessitam ser acolhidos e também familiarizados com este novo espaço e seu legado.

Portanto, a tarefa da educação é introduzir as crianças neste mundo que lhes antecede e que continuará depois delas. A natalidade, portanto, “[...] diz respeito à dinâmica entre o mundo historicamente constituído e a chegada dos novos, que podem intervir nele” (ALMEIDA, 2011, p. 21). Além de dizer respeito a “nossa atitude face ao fato da natalidade: o fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento” (ARENDDT, 2013, p. 247).

Recentemente Jürgen Habermas caracterizou esse tema e as considerações arendtianas sobre a natalidade em seu livro *O Futuro da Natureza Humana* [2001], no qual faz reflexões sobre as implicações da manipulação genética em seres humanos. Para Habermas (2004), Arendt permanece atenta ao fato de que, com cada novo nascimento começa não apenas uma outra história de vida, mas principalmente uma nova.

O homem é inserido em um mundo que já existe, e a partir do nascimento que ele constitui o mundo, esse nascimento, biológico, é o primeiro aparecimento do homem ao mundo. Logo, a natalidade não corresponde ao nascimento, que é de fato a condição inaugural da natalidade. O nascimento corresponde a um acontecimento, ou seja, momento em que somos recebidos na terra, enquanto a natalidade é a possibilidade/capacidade que temos de constantemente nos atualizarmos, de fazermos o novo, que acontece por intermédio da ação no mundo.

Nesse contexto, é preciso compreender o que significa o *mundo* para Arendt, não é simplesmente aquilo que nos rodeia, mas um espaço que é construído a partir do trabalho e que se constitui através da ação. As construções e os artefatos nos garantem um lugar duradouro, nesse espaço construído, os seres humanos podem criar meios de conviver e de interagir que vão além da mera preocupação com a sobrevivência, embora as necessidades básicas não deixem de existir e devem ser supridas antes mesmo de termos a chance/possibilidade de participar do mundo.

A autora distingue as atividades humanas entre as atividades que dizem respeito ao mundo humano, sendo a primeira, aquela que se preocupa com as



necessidades vitais (trabalho) e a segunda corresponde à fabricação, a terceira refere-se à ação e ao pensamento.⁴

O *trabalho* corresponde então a uma das condições de nossa existência na Terra, que é a vida. Para Almeida (2011), cuidamos da nossa vida satisfazendo determinadas necessidades, assim como qualquer outra espécie de seres vivos o faz também. Além disso, Arendt conclui que a condição humana da vida depende do trabalho para que se consiga sobreviver. Com isso, buscamos satisfazer determinadas necessidades, adentrando no ciclo de produção e consumo, porém, na modernidade esse ciclo se estende cada vez mais para outras dimensões. Não consumimos somente alimentos, mas imagens, modelos de vida e os produtos são considerados partes da cultura. Ademais, mesmo que a produção e o consumo sejam incessantes, satisfazer nossas carências vitais, sendo elas, biológicas ou não, sempre serão as exigências. Esse ser humano que está submetido às necessidades sempre urgentes e obrigado a trabalhar para atendê-las é denominado por Arendt de *animal laborans*. Por fim, essa atividade não pode ser comunicada, ela é um movimento singular, um movimento de privação do corpo em relação ao outro.

No entanto, o ser humano não está somente preso ao processo vital. Por meio de outra atividade, o *fabricar*, o homem pode romper com o processo vital e construir um mundo duradouro, assim o homem é capaz de fabricar artefatos, objetos e espaços que lhe garantem estabilidade e possam lhe oferecer um lar que ele não possui por natureza.⁵ Entretanto, além de trabalhar e fabricar, o ser humano tem a capacidade de *agir*, atividade essa que “corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (ARENDR, 2010, p. 8).

Assim, o homem é capaz de fabricar artefatos que lhe dão estabilidade e oferecem um lar que ele não possui por natureza. Desse modo, o *homo faber* supera o incessante ciclo temporal do *animal laborans*. Por meio da obra, o homem modifica o mundo e estabiliza a vida humana. Ele se torna artesão de um mundo

⁴ O livro *A Condição Humana* [1958], traduzido por Adriano Correia (ARENDR, 2010), traduz o termo *labor* por *trabalho*, *work* por obra e *action* por ação.



que lhe é próprio. É por isso que a condição humana para o *fabricar* é o fato de estarmos no mundo, a “*mundanidade*”. Contudo, a atividade do fabricar não é considerada anti-política, pois, por mais que o *homo faber* se isole para fabricar alguma coisa, ele está ligado com o mundo tangível das coisas que está a produzir e, é justamente essa artificialidade humana que, em última instância, une e separa o ser humano.

Cada novo ser humano que chega ao mundo é singular, ou seja, com cada novo nascimento não começa apenas uma outra história de vida, mas uma totalmente nova, diferente de todas as que já se antecederam ou que ainda virão. A singularidade é constantemente mostrada e reafirmada no espaço público, onde não se revela *como é* alguém, mas sim *quem é* esse alguém. A resposta para essa pergunta se dá a partir das palavras e também das ações que espalhamos no mundo e que admitem ao outro que nos reconheça. Portanto, a identidade do homem ou de cada homem só pode ser vista e reconhecida pelos outros. Assim, o nome de alguém nada nos diz sobre *como é* ou *quem é* essa pessoa, se não pudemos, um dia, em algum lugar, ouvir as suas palavras ou assistir suas ações.

Ressaltamos que Arendt, além de apresentar as três condições, ela oferece mais duas condições sob as quais os seres humanos existem: a natalidade e a mortalidade. E, desse modo, das três atividades, o agir é o que tem a relação mais estreita com a condição humana da natalidade. Segundo a autora, o novo começo pode fazer-se sentir no mundo, pois, somente o novo tem a capacidade de fazer o imprevisível, isto é, de agir. E alerta que, no sentido de estabelecer uma iniciativa, é inerente a todas as atividades humanas o elemento de ação, e, portanto, de natalidade. Além disso, “como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode ser a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico” (ARENDR, 2010, p. 10).

Nessa direção, o recém-chegado compreendido como a criança e o jovem que se prepara para o mundo, enquanto, o adulto participa do mundo através da

⁵ Para Arendt (2010) o homem por natureza não tem *lar* na natureza, e a partir do mundo de coisas ele é capaz de estar em *casa* e construir um *lar*.



ação e, nessa condição, estabelece a novidade. Segundo Arendt (2010, p. 221-222),

Agir, em seu sentido mais geral, significa tomar iniciativa, iniciar [...]. Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas são impelidos a agir [...] não é o início de algo, mas alguém que é, ele próprio, um iniciador. Com a criação do homem, veio ao mundo o próprio princípio do começar, e isso naturalmente, é apenas outra maneira de dizer que o princípio da liberdade foi criado quando o homem foi criado, mas não antes.

Ainda em sua obra, *Origens do Totalitarismo* [1958], Arendt (1989, p. 531) afirma que,

[...] todo fim da história constitui necessariamente um novo começo: esse começo é a promessa, a única mensagem que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. *Initium ut esset homo creatus est* – “o homem foi criado para que houvesse um começo”, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é na verdade, cada um de nós.

No entanto, os novos começos acontecem num mundo que é pré-existente, um mundo que é povoado por outros seres humanos, singulares e capazes de realizar o novo. Porém, a ação para ser efetivada precisa da adesão dos demais e é assim por eles incorporado. Por isso, a atividade da ação pertence à vida ativa da condição humana.

Pois, segundo a autora, “nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos” (ARENDDT, 2010, p. 67). O agir espontaneamente é que dignifica o ser humano e mostra *quem ele é*, apresenta-se, singulariza-se e distingue-se⁶. Os homens podem agir, tomar iniciativa, impor “um novo começo”, portanto, é fundamental, de acordo com Arendt (apud SONTHEIMER, 1999, p. 9) acreditar “ser evidente que o homem é dotado, de uma maneira altamente maravilhosa e misteriosa, do dom de fazer milagre”.

⁶ Para existirmos humanamente é preciso se libertar da cadeia das necessidades situadas no mundo privado, e assumir livremente um lugar no mundo público, um lugar em que é possível se fazer visível pela fala e pela ação. O que Hannah Arendt quer dizer é que “[...] pelo discurso e pela ação, não apenas nos diferenciamos das outras coisas intramundanas, elas próprias são diferentes uma das outras, mas nos manifestamos enquanto homens e nos distinguimos em nossa singularidade” (ARENDDT, 2010, p. 40).



[...] é, em última análise, o fato da natalidade [...] é o nascimento de novos seres humanos e o novo começo, a ação de que são capazes em virtude de terem nascido. Só a plena existência dessa capacidade pode conferir aos assuntos humanos fé e esperança [...]. É nessa fé e esperança no mundo que encontra sua expressão talvez mais gloriosa e mais sucinta nas breves palavras com as quais os Evangelhos anunciaram sua “boa-nova”: “Nasceu uma criança entre nós” (ARENDDT, 2010, p. 308).

Deste modo, a fonte suprema que garante o homem de iniciar algo novo, de “fazer um milagre” ou ainda capaz de salvar o mundo está no fato da natalidade.

Todo ato, considerado, não da perspectiva do agente, mas do processo em cujo quadro de referência ele ocorre e cujo automatismo interrompe, é um “milagre” - isto é, algo que não poderia ser esperado. Se é verdade que ação e começo são essencialmente idênticos, segue-se que uma capacidade de realizar milagres deve ser incluída também na gama das faculdades humanas (ARENDDT, 2013, p. 218).

Evidentemente, é necessário um espaço comum no qual todos possam aparecer e da necessidade de preservação resulta do fato de que, “[...] nenhuma atividade pode tornar-se excelente se o mundo não proporcionar um espaço adequado para o seu exercício” (ARENDDT, 2010, p. 60).

Assim, se o nascimento precede o ato de criar novas realidades, cuja realização está pautada na natalidade. Ora, se a natalidade para Arendt é a essência da educação, é neste âmbito⁷ em que se situa a esperança, o novo, o milagre, a capacidade de poder transformar o mundo com novas realidades, as quais a educação tem o dever de contribuir.

EDUCAÇÃO ESCOLAR E OS RECÉM-CHEGADOS

O âmbito da educação é caracterizado no pensamento de Arendt como pré-político⁸. A educação escolar deve transmitir conhecimentos que cultivam princípios, habilidades e capacidades que possam favorecer na futura participação dos educandos na esfera pública. A educação, embora tenha um compromisso com o

⁷ Em *A Crise na Educação* [1961], Arendt explica que a esfera educacional não é parte nem da vida privada, nem da vida pública, mas constitui uma espécie de esfera intermediária. A escola é “a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo” (ARENDDT, 2013, p. 238).

⁸ Sobre a educação como sendo “pré-política” ver a pesquisa de Benvenuti (2010).



mundo, e ainda que busque a possibilidade de uma futura participação nos assuntos públicos, “não é o espaço da própria ação política” (ALMEIDA, 2011, p. 93).

Assim, é preciso estar atento ao fato de que, os princípios que regem o espaço público e a atividade política, não são válidos nas relações que se estabelecem no espaço pedagógico, enquanto no âmbito público e político estamos entre iguais, no âmbito da educação a relação se caracteriza pela desigualdade entre educandos e professores, não somente pelos conhecimentos desiguais, mas também, pela responsabilidade desigual frente o processo educativo como também em relação ao mundo. Nesse sentido, segundo Almeida (2011, p. 38),

Não se pode transformar o espaço da educação numa imitação da vida pública e delegar às próprias crianças a responsabilidade por sua convivência. É tarefa do professor determinar as regras básicas de relacionamento no espaço escolar. [...] em relação aos jovens, pode haver algumas mudanças.

Arendt explica que, “a situação é inteiramente diversa na esfera das tarefas educacionais não mais dirigidas para a criança, porém à pessoa jovem, ao recém-chegado e forasteiro, nascido em um mundo já existente e que não conhece” (ARENDR, 2013, p. 238). Assim, “à medida em que os alunos se familiarizam com os saberes e as práticas desse espaço comum, tornar-se-ão capazes de assumir sua responsabilidade por ele” (ALMEIDA, 2011, p. 38). Por isso, a tarefa de acolher os novos e mostrar a eles como o mundo é e introduzi-los nesse mundo público, através da transmissão dos saberes teóricos, é da escola. É a escola que deve apresentar aos mais novos as tradições, as histórias, suas conquistas e os conflitos, é ela que cuida do mundo que confiaremos às próximas gerações, agregando para a continuidade dele. É a partir da educação que também se acolhe os recém-chegados, que têm o direito de conhecer o mundo, de se apropriar dele para *depois* buscarem seus próprios caminhos e intervir naquilo que compartilham com os outros (SCHÜTZ, 2016).

Portanto, conhecer o mundo não significa apenas ter acesso às informações sobre ele, pois para isso, não precisaríamos da escola hoje. O papel do educador é o de ser o mediador entre o mundo e os jovens. Para Almeida (2011), é ir além de



um “abrir portas”, o que poderia ser feito pelo professor de modo mecânico e até indiferente.

Seu papel de mediador lhe exige uma responsabilidade dupla⁹, ser responsável pela educação de seus alunos, mas também assumir a responsabilidade pelo mundo. Assim o professor não apenas apresenta, mas também representa o mundo diante dos recém-chegados. Nessa direção, José Sérgio F. Carvalho (2008, p. 21), reitera que:

O acolhimento dos novos no mundo pressupõe, pois, um duplo e paradoxal compromisso do professor. Por um lado, cabe-lhe zelar pela durabilidade do mundo de heranças simbólicas no qual ele inicia e acolhe seus alunos. Por outro, cabe-lhe cuidar para que os novos possam se inteirar, integrar, fruir e, sobretudo, renovar essa herança pública que lhes pertence por direito, mas cujo acesso só lhe é possível por meio da educação.

Essa concepção leva Arendt a concluir em seu ensaio que a função da escola

[...] é ensinar às crianças o mundo como ele é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente (ARENDR, 2013, p. 246).

Como representante do mundo, é tarefa do professor proteger e conservar, mostrando sua relevância para os novos. “Se sua qualificação consiste em seu conhecimento, sua autoridade frente aos recém-chegados reside nesse ofício de representante que o autoriza a introduzi-los neste lugar” (ARENDR, 2013, p. 239). Não obstante, Savater (2012, p. 141) considera que: “[o ensinar] transmite porque quer conservar; e quer conservar porque valoriza certos conhecimentos, certos comportamentos, certas habilidades e certos ideais”.

A mesma compreensão é nítida para Morandi (2002, p. 39), uma vez que,

Há de se preservar a vida da criança - que ao nascer é frágil, impotente, desamparada – e cuidar de sua inserção na realidade sócio-histórica-cultural que a espera e, ao mesmo tempo, preservar o mundo, transmitir a tradição, as heranças culturais no sentido de garantir a continuidade do mundo.

Por esse fato, é imprescindível que o ensino se volte ao passado, às profundas raízes, pois é lá que nos tornamos comumente humanos, só assim que

⁹ Aquele que educa precisa proteger o mundo contra as crianças e as crianças contra o mundo. Nesse sentido, educar significa resguardar “o velho contra o novo, o novo contra o velho” (ARENDR, 2013, p. 242).



nos tornamos semelhantes, hóspedes uns dos outros. Só assim podemos encontrar os tesouros e saber quais os seus valores.

É importante ressaltar que, é o lugar que o professor ocupa e sua tarefa específica que conferem a autoridade¹⁰, que não se estende a outras esferas que vão além da escola. No ensaio *A Crise na Educação* [1961], Arendt nos apresenta um dos principais equívocos presentes na educação hoje, “[...] a pretensão de libertar as crianças da autoridade dos adultos” (ARENDR, 2013, p. 230), sendo que esta rejeição está vinculada com a recusa de assumir a responsabilidade pelo mundo. Assim, Arendt (2013, p. 241-242) descreve que

O homem moderno [...] não poderia encontrar nenhuma outra expressão mais clara para sua insatisfação com o mundo, para o seu desgosto com o estado das coisas, que sua recusa a assumir, em relação às crianças, a responsabilidade por tudo isso. É como se os pais dissessem todos os dias: Nesse mundo, mesmo nós não estamos muito a salvo em casa, como se movimentar nele, o que saber, quais habilidades dominar, tudo isso também são mistérios para nós. Vocês devem entender isso do jeito que puderem; em todo caso, vocês não têm o direito de exigir satisfações. Somos inocentes, lavamos as nossas mãos por vocês.

Para esse fato, Arendt (2013, p. 239) é categórica ao afirmar que: “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”. Diante desse impasse na educação, nós estamos diante de uma questão fundamental: ou desistimos do mundo e das crianças, ou resolvemos apostar no mundo e cuidar dos novos.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças, o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDR, 2013, p. 247).

¹⁰ É importante destacar que Arendt, distingue autoridade de certas formas de força e/ou violência. Mesmo que em ambos os casos podemos falar de uma relação hierárquica e de obediência, aquele que obedece ao mais forte, o faz por medo ou por ser forçado fisicamente a obedecer, enquanto aquele que obedece à autoridade o faz por sentimento. (ARENDR, 2013, p. 129). Nesse sentido, o professor pode constituir uma autoridade frente ao aluno, “se ambos reconhecem a legitimidade do mundo comum e a necessidade de sua continuidade” (ALMEIDA, 2011, p. 39).



Constatando o impasse, é necessário refletir: Como ainda é possível introduzir os recém-chegados no mundo? Como o professor pode desempenhar o papel de ser o representante do mundo, se ele também estranha esse lugar? É sobretudo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (ARENDRT, 2013, p. 243-244).

Nesse sentido, segundo Duarte (2000, p. 127), temos a “difícil tarefa de encontrar uma maneira de pensar à sombra da ruptura da tradição”. Para Arendt, a escola deve ser como uma “barreira” contra a modernidade ao assumir um caráter “conservador”¹¹: justamente pelo fato de preservar o novo, ela também tem o dever de conservar o passado. Esse caráter de conservação é a própria essência da educação: o fato de que algo precisa ser preservado e protegido.

Para isso, é fundamental que cada professor possa se identificar com algum aspecto do mundo, o qual possa apresentar aos novos. Caso contrário comenta Arendt (2013, p. 247), “é muito fácil [...] ensinar sem educar, e pode-se aprender o dia todo sem por isso ser educado”.

[...] a perda da permanência e da segurança do mundo – que politicamente é idêntica à perda da autoridade – não acarreta, pelo menos não necessariamente, a perda da capacidade humana de construir, preservar e cuidar de um mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após (ARENDRT, 2013, p. 132).

A educação tem a tarefa de acolher os novos, e o educar é fazer com que os recém-chegados possam se sentir em casa no mundo. No momento da crise, de acordo com Arendt, a nossa aposta é de que “tudo vai ficar bem”, que faz com que, apesar de tudo, não iremos desistir dele.

A própria Arendt, constatando que hoje “nada mais parece fazer sentido”, não desiste da busca de sentido, esse fato está relacionado à atitude em relação ao espaço comum e às pessoas, o qual ela denomina de *fé no mundo*. O termo *fé* está

¹¹ A fim de evitar mal entendidos: parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo.



vinculado com outro conceito apresentado por Arendt, o *amor mundi*, o qual segundo Almeida (2011, p. 194), “teima em não abrir mão do mundo comum, mesmo contra qualquer probabilidade histórica de sucesso”.

Apesar disso, o amor ao mundo, para Arendt não era uma questão muito tranquila. Em Almeida (2011), encontramos a tradução de uma passagem do diário¹² de Arendt: “Amor mundi – por que é tão difícil amar o mundo?”. Por isso, a nossa esperança reside nos novos, por serem iniciadores, por nascerem não somente para a vida (nascimento), mas também para o mundo (natalidade), são capazes de interromper processos históricos e, futuramente transformar o mundo e quem sabe criar espaços novos de interação e convivência.

Nesse sentido, a educação escolar, além de introduzir os alunos no mundo, também aposta na singularidade de cada um deles, na qual reside a possibilidade de um novo início. A ação futura dos jovens, porém, é imprevisível, de modo que a educação “não pode oferecer nenhuma garantia e segurança [...]. A esperança, [...] reside justamente nessa imprevisibilidade” (ALMEIDA, 2011, p. 92).

A nossa esperança está pendente sempre no novo que cada geração aporta; precisamente por basearmos a nossa esperança apenas nisso, porém, é que tudo destruimos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos possamos ditar sua aparência futura (ARENDR, 2013, p. 243). Ademais, uma educação que se compromete com o mundo comum, oferece as crianças e jovens, a esperança de que possam amar o mundo da sua maneira, e também se sentir em casa nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da educação provém da natalidade. Familiarizar os recém-chegados com o mundo, que sempre é mais velho do que eles, e ao mesmo acolher cada um em sua singularidade são tarefas necessárias da educação.

Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumido implica, é claro em uma atitude conservadora (ARENDR, 2013, p. 242).

¹² ARENDR, H. *Denktagebuch*. Herausgegeben von Ursula Ludz, Ingeborg Nordmann. München: Piper, 2002.



Por isso Arendt é categórica, pois, aquele que não se importa com o mundo ou dele desistir é incapaz de educar. Para educar, é preciso ter algum compromisso com o mundo, para que os alunos possam estabelecer seu vínculo com esse espaço e seu legado. Nesse sentido, Arendt explica que educar é como dizer às crianças: “Isso é o *nosso* mundo” (ARENDR, 2013, p. 139, grifo nosso). Quando o moderno estranhamento do mundo toma conta, é preciso que identifiquemos o que queremos apresentar aos novos, algo que faça sentido para nós e que também pode ser ressignificado pelos alunos, além de apostarmos no futuro, apesar de não saber se será viável ou não.

Além da preocupação de como apresentar o mundo aos alunos, a educação também tem o dever de acolher os novos habitantes desse lugar. Por isso Arendt realça a importância de o mundo perguntar a cada novo singular: “Quem és?”, a pergunta é se de fato os tratamos como potenciais renovadores, capazes de fazer o novo, ou como uma geração sem perspectivas.

Percebe-se, assim, o duplo aspecto da realidade da criança, que é um ser novo e está em formação. Desse modo, a educação deve se voltar para o cuidado com a própria vida da criança e com o cuidado do mundo ao qual ela chegou, ou seja, a criança nasce para a vida e nasce no mundo. O para a vida refere-se ao processo de formação, ela é um vir a ser, ela não nasce humana, mas para se tornar humana. O nascer no mundo é o lugar pré-existente, onde nada é de sua autoria, onde ela só irá assumir a responsabilidade na medida em que assumir este viver no mundo. Os pais e os educadores (adultos) já passaram por este processo – ou pelo menos deveriam ter passado – e são responsáveis pela continuidade do mundo e, de certo modo, estão constantemente fazendo do mundo a sua casa.

Mesmo diante da crise, não podemos abrir mão do mundo, o único espaço em que podemos nos revelar plenamente, espaço eminentemente humano, e por esse fato, potencialmente livre. Ademais, há experiência e momentos significativos que surgem, geralmente de forma inesperada, em alguma escola, sala de aula, que nas palavras de Arendt significam: “*Algumas luzes*”, e aquele que pensa a educação deve ter o cuidado de não apagar essas luzes do presente e recordar o passado,



pois é isso que lembra a tarefa da educação: cuidar do mundo e acolher as crianças e jovens que vêm a fazer parte dele.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. *Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão e apresentação de Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.

_____. *Denktagebuch*. Herausgegeben von Ursula Ludz, Ingeborg Nordmann. München: Piper, 2002.

BENVENUTI, E. *Educação e política em Hannah Arendt: um sentido político para a separação*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CARVALHO, J. Hannah Arendt pensa a educação. *Revista Educação*, São Paulo, n. 4, 2008.

DUARTE, A. *O pensamento à sombra da ruptura: filosofia e política em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HABERMAS, J. *O futuro da natureza humana*. Trad. Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORANDI, F. *Filosofia da Educação*. Trad. Maria Emil P. Charnut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

SAVATER, F. *O valor do educar*. Tradução de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SCHÜTZ, J. A. *Educação e cidadania: reflexões à luz de Hannah Arendt*. 2016. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências. Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2016.



SONTHEIMER, Kurt. Prefácio. In: ARENDT, Hannah. *O que é política?* fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.